

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SECULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO	18.OUT.1974	CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

A O.N.U. ovacionou o discurso de Costa Gomes

«Não mais admitiremos trocar a liberdade de consciência colectiva por sonhos grandiosos de imperialismo estéril»

Fundação Cuidar o Futuro



O general Costa Gomes conversa com o secretário-geral da O. N. U., Kurt Waldheim, durante o jantar que em sua honra lhe foi oferecido por aquela organização. Vêem-se ainda na fotografia o ministro Mário Soares e o seu homólogo filipino, Carlos Rómulo.

NAÇÕES UNIDAS, 17 — O Presidente Costa Gomes foi ovacionado de pé prolongadamente ao ser conduzido à tribuna da Assembleia Geral das Nações Unidas, em cuja vasta sala estavam representados praticamente todos os estados membros da organização internacional, na maioria pelos chefes das suas delegações.

Num discurso de 20 minutos, o Chefe de Estado português — o primeiro de sempre que se apresenta nas Nações Unidas — declarou que o seu Governo está empenhado numa política de democratização interna e de descolonização dos territórios ainda sob administração portuguesa.

A agenda da Assembleia foi totalmente preenchida com o discurso do Presidente português.

Dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança, a China foi o único que não se fez representar pelo chefe da sua delegação, enviando em seu lugar alguns diplomatas subalternos. Além de John Scali, pelos Estados Unidos, Jacob Malik, pela União Soviética, Ivor Richard, pela Inglaterra, e Louis de Guiringaud, pela França, estavam presentes, entre outros, o novo delegado permanente da África do Sul, Roelof Botha, cujo país partilhava no passado com Portugal a posição incómoda de alvo principal dos ataques da O.N.U.

O presidente Costa Gomes, que ontem à noite foi obsequiado com um jantar oferecido em sua honra pelo secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, se-

(CONTINUA NA 10.ª PÁGINA)



Um aspecto parcial da «Exposição das Indústrias da Madeira, do Móvel e dos Produtos Florestais», que hoje é inaugurada no Palácio de Cristal NOTICIA NA 11.ª PÁG.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO	18. OUT. 1974	CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

A O. N. U. OVACIONOU O DISCURSO DE COSTA GOMES

➔ *Continuado da 1.ª página*
guiu hoje para Washington, onde conferenciará com o presidente Ford, antes de regressar amanhã a Lisboa.
O embaixador da Guiné-Bissau, a antiga colónia portuguesa que há um mês apenas ingressou na O.N.U. como membro de pleno direito, destacava-se entre os auditores mais atentos do discurso.
O fim do discurso foi saudado com uma ovação de dois minutos. Momentos depois, o Presidente voltou a ser ovacionado de pé por toda a assistência, quando saiu da sala, acompanhado pelo secretário-geral, Kurt Waldheim, e pelo presidente da Assembleia, Abdelaziz Bouteflika, ministro dos Negócios Estrangeiros da Argélia.

★ MARCOS NA ROTA ASCENSIONAL DA DIGNIDADE HUMANA

É o seguinte o texto integral do discurso do Presidente Costa Gomes:

«Senhor Presidente:
Em nome do Povo português saúdo fraternalmente todos os povos do mundo, reconhecendo fazê-lo numa mui digna Assembleia cuja vocação universalista é o pólo de condensação das melhores esperanças dos que amam a justiça e a paz.

Saúdo V. Ex.ª, Senhor Presidente, e todos os representantes nesta Assembleia Geral em que recaem as mais transcendentes responsabilidades da história da Humanidade.

Reconhece o mundo todo, com as deficiências próprias das obras humanas, tem esta Organização procurado garantir um clima mundial de tolerância, de paz, de segurança e de justiça.

Todos os homens de talento e de génio que nesta Organização têm sabido colocar os ideais do bem e da equidade universal acima dos interesses nacionais ou regionais são marcos na rota ascensional da dignidade humana.

Sou o primeiro Chefe de Estado de Portugal que tem o privilégio de se dirigir à opinião pública mundial beneficiando da vantagem de o fazer aqui e perante V. Ex.ª.

O meu país tem uma história longa de mais de oito séculos e não nos será difícil perdoar a memória do último meio século orientado por homens que não souberam sintonizar os seus ideais com a alma colectiva do Povo a que pertencem.

Nas histórias de todos os povos há relâmpagos de inspiração que lançam as suas forças vivas no caminho mais nobre e mais eficaz e há golpes de cegueira política que alienam a vontade popular e lançam as pátrias em caminhos obscuros e estérteis.

Os espíritos superiores são aqueles que pairam acima dos acontecimentos historicamente fugazes e conseguem a visão global e sintética que cria uma perspectiva crítica e justa da vida de um país.

Não sou optimista ao atribuir ao Povo português um saído histórico fecundamente positivo:

Contribuímos decisivamente para o conceito planetário que o homem de hoje tem de si próprio;

— Estivemos com os pioneiros bons em cuja legislação a abolição da escravatura foi mais uma conquista da ciência jurídica;

— Demonstrámos que a pobreza de recursos não impede o fenómeno fecundo de uma vivência interracial que torna os povos mais irmãos e mais unidos. No grande espaço da expressão portuguesa, 130 milhões de pessoas respondem por esta afirmação;

— Somos um Povo europeu em cuja paisagem e arte se amalgamaram influências de todos os continentes e em cujo sangue há marcas genéticas dos clãs europeus, das tribos do Norte ao Sul da África, da Ásia e das Américas.

★ DEMOCRATIZAR E DESCOLONIZAR

Senhor Presidente:
Sou o Chefe de Estado de um país que depois de humilhado por meio século de ditadura soube iniciar na longa noite de 25 de Abril uma revolução sem sangue que outros classificaram da mais pura do século.

Estamos perfeitamente determinados a salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários:

— Devolver ao Povo português a dignidade perdida, implantando condições de vida mais justas com instituições democráticas pluralistas legitimadas na vontade do povo livremente expressa.

— Iniciar o processo irreversível e definitivo de descolonização nos territórios sob administração portuguesa. Não mais admitiremos trocar a liberdade de consciência colectiva por sonhos grandiosos de imperialismo esteril.

A nossa revolução iniciada com o 25 de Abril, apesar de embaraços e dificuldades, continua a demonstrar o alto civismo do Povo de Portugal.

Aqui deixo um convite aos altos responsáveis políticos desta Assembleia para verificarem em Portugal que o ambiente geral de tranquilo labor e de ordem social não justificam generalizações alarmistas a partir de pequenas perturbações sociais que o Governo Provisório sempre sanou e ultrapassou.

Nestas condições, estou à vontade para afirmar solenemente que o Governo português tem intenção e capacidade para cumprir na letra e no espírito, a Carta das Nações Unidas e todos os compromissos internacionais, políticos, comerciais ou financeiros a que se encontra vinculado.

No plano interno manteremos um processo democratizante onde, com um mínimo de sofrimento, vamos desintoxicar os espíritos de meio século de propaganda de extrema direita; construiremos um ambiente de tolerância política múltipla; iniciaremos a politização do nosso povo e daremos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver.

No processo de descolonização manter-nos-emos fiéis aos princípios do direito internacional da autodeterminação e independência. Na aplicação concreta dos princípios teremos a flexibilidade de espírito suficiente para salvaguardar os interesses dos povos a descolonizar. Seremos tão dinâmicos quanto o exige a impaciência de quem toma uma tarefa com muitos anos de atraso e tão pacientes quanto indispensável à felicidade de povos que sofreram na carne as consequências da anterior situação política portuguesa. Saberemos evitar figurinos estereotipados e procurar para cada território a solução mais adequada à garantia da génese feliz de uma pátria.

No plano das relações internacionais, procuraremos intensificar as relações económicas e políticas com todos os países amigos tradicionais e com todos os povos do mundo.

Aproveitaremos as relações históricas com outros povos para desenvolver aceleradamente justas situações de interesse mútuo, incluindo os países existentes de expressão portuguesa, as novas nações irmãs em formação pelo processo de descolonização em curso, e não esquecendo os estados árabes e outros, cujas raízes históricas se cruzam com as nossas ao longo dos séculos.

As origens culturais latinas facilitar-nos-ão o reforço da solidariedade com todos os países latinos da Europa e da América.

O estádio do nosso desenvolvimento, a nossa situação geográfica, o sentimentalismo e anti-racismo congénito do nosso povo são a garantia de uma ligação de fácil entendimento e fraterna entreadua com todos os povos do Terceiro Mundo.

★ LEVANTAMENTO DE EMBARGOS E RESTRIÇÕES

Não mais resta o direito à sociedade internacional para anatemizar Portugal com o ferrete da suspensão ou da consideração condicionada.

Nestes termos, Portugal, no desenvolvimento de uma revolução dos espíritos, dos comportamentos e das atitudes sociais, na pacífica revolução da escala de valores que colocará em lugar justo os pobres e os desprotegidos, sente-se no direito à solidariedade e auxílio da sociedade internacional em que se integrou.

Esperamos das Nações Unidas, e suas agências especializadas, o rápido levantamento de todos os embargos e restrições que vimos sofrendo.

A situação pré-democrática em que vivemos tem im-

portantes dificuldades económicas e financeiras que melhor serão vencidas se os países democráticos do mundo se dispuserem a uma solidariedade material e moral, rápida, fraterna e justa no seu prego financeiro e político. Esperamos deles essa atitude amiga.

Ao nível das preocupações internacionais, Portugal manifesta o seu profundo desejo de ver as grandes potências mais dinâmicas: no caminho do desarmamento mundial e que os enormes recursos que ficariam disponíveis sejam canalizados para os países mais desfavorecidos, onde em cada homem a luta pela sobrevivência é um drama que lhe nega o direito à cultura e ao progresso espiritual.

No seu instinto de intercontinental humanismo, o Povo português considera-se irmão de todos os povos oprimidos e declara a disposição de contribuir para todas as iniciativas que visem debelar a fome no mundo, melhor distribuir as riquezas e salvaguardar os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

★ O CONTRIBUTO DA O.N.U.

Senhor Presidente: Dentro de dias a organização das Nações Unidas celebrará o seu 29.º aniversário.

A voz dos mais fracos teve aqui uma tribuna quando a lei da força se sobrepôs à força da lei.

A voz dos oprimidos aqui lamentou a ignomínia dos opressores.

O clamor dos pobres aqui fêz a consciência dos que esbanjam em supérfluos o excesso de recursos disponíveis.

Adversários exaltados aqui descomprimaram em palavras as pseudo-razões que a opinião pública reduziu a dimensões razoáveis.

Quantas canseiras e esforços desta organização têm sido estérteis quando os orgulhos egoístas calaram a voz da justiça e da razão.

Mas em larga contrapartida quantos fracos sentiram apoio, quantos oprimidos foram libertos, quantos pobres foram amparados, quantos exaltados sentiram o ridículo das suas posições apaixonadas.

O 29.º aniversário abre no capítulo de uma organização que seguramente consolida a mais transcendente instituição que o espírito humano soube criar.

A todos os que directa ou indirectamente contribuíram para a génese e funcionamento da O.N.U. a nossa gratidão por nos haverem oferecido mais um dia maior da Humanidade.

Vou terminar dentro de momentos porque de nós o mundo espera muitos esforços concretos e pouca retórica.

Saúdo os países tradicionalmente amigos nas boas e más horas do meu país.

Saúdo os países de expressão lusitana, actuais e potenciais, dos quais a Humanidade espera o fortalecimento de laços comunitários fraternos e de mútuo respeito.

Saúdo todos os povos latinos, países irmãos numa cultura de cujo sentido humanístico os povos oprimidos têm o direito de esperar auxílio.

Saúdo todo o Terceiro Mundo, com a certeza da sua compreensão, quando sublinho especialmente os povos irmãos da África, incluindo os povos árabes também gravados no sangue e na alma do povo a que pertencem.

Saúdo os povos africanos que, depositando inteira confiança na honestidade e sinceridade do nosso processo de descolonização, estabeleceram connosco relações diplomáticas e de amizade que muito nos sensibilizaram.

Termino saudando todos os homens bons cujas preocupações se focalizam em construir uma Humanidade melhor, mais pacífica, mais segura, mais fraterna, mais progressista.

Que cada nova geração tenha uma vida mais digna de ser vivida.

Muito obrigado Senhor Presidente.

MENSAGEM DO PRESIDENTE INTERINO

O vice-almirante Pinheiro de Azevedo, Presidente da República Interino, enviou ao general Costa Gomes o seguinte telegrama:
«Emocionados pelo espírito patriótico e universal do

discurso de Vossa Excelência, sentimos nossas e de todo o povo português as palavras proferidas que exprimem propósitos claros e sentimentos sinceros do renascimento de Portugal e de cooperação com todos os povos do mundo, cumprindo os princípios de justiça social e igualdade de direitos e respeito mútuo, em prol do progresso da Humanidade».

COSTA GOMES NA CASA BRANCA

O Ministério da Comunicação Social distribuiu a seguinte informação:

«Segundo uma comunicação recebida pelo telefone, directamente de Nova Iorque na Direcção-Geral da Informação, soube-se que o Presidente Costa Gomes, na sua visita a Washington, não ficará instalado num hotel como estava previsto, mas na própria Casa Branca, residência oficial do presidente dos Estados Unidos. Este gesto amável do presidente Gerald Ford reveste-se de grande significado, sendo interpretado nos meios políticos como uma atitude de simpatia do Governo americano para com Portugal».